Até o presente momento — fugabilíssimo, como convém ser — uma publicação inédita em terras brasileiras, a tradução do drama em um ato de Luigi Pirandello *L'Uomo dal Fiore in Bocca*. E continuará inédita pela própria precariedade das palavras quando elas sobem à ribalta.

O leitor mais arguto não deixará de notar o processo de obsolescência que acomete a prosa teatral, notadamente marcada por um modo peculiar e irreproduzível de manifestação da palavra — uma manifestação ruidosa, qualquer coisa muito próxima do suspiro e do espanto, indefinível.

Desonestíssima, apontará seguidamente o leitor, com toda razão. A tradução de um texto dramatúrgico é ainda mais datada que a tradução mais esdrúxula de um soneto do século XIX. Envelhece, não presta mais. É matéria sem valia, relegada às traças. A prosódia de um tempo não se retém nas páginas, não pode ser impressa, é imprecisa como garoa.

Mas teimamos e o leitor da COMUM poderá desfrutar de uma das obras mais belas do escritor nascido em Agrigento, numa Sicília remotíssima como A Rua do Ouvidor machadiana ou o Cairo de Naguib Marfouz. Um momento que não retorna, remotíssimo como as lembranças desbotadas de um velho pipoqueiro.

Como o *flanneur* benjaminiano, o leitor irá percorrer as ruas, mirar as vitrines, perder-se por multidões sem-fim, olhar olhar — mas olhar muito, pasme — até secar os olhos, como *O Homem Com A Flor na Boca* o faz todos os dias, teimosamente, até o fim dos tempos (Com alguma alegria insuspeita dividimos com o leitor esta aventura).

Terceiro sinal, as luzes da plateia diminuindo ralenta e lentamente, um lampião aceso no palco, um freguês pacífico...

Deixemos com o leitor: mais saboroso o chocolate na boca que em descrições primorosas — melhor ler o drama de Pirandello!

O HOMEM COM A FLOR NA BOCA
de Luigi Pirandello

tradução de Pedro Murad

Personagens:

O HOMEM COM A FLOR NA BOCA
Um pacífico FREGUÊS

Veem-se, ao fundo, as árvores de uma alameda, com as lâmpadas elétricas transluzindo por entre as folhas. Dos dois lados, as últimas casas de uma rua que adentra a alameda. Entre as casas à esquerda, um café noturno ordinário, com mesinhas e cadeiras na calçada. Frente às casas da direita, um lampião aceso. Ao lado da última casa à esquerda, na esquina da rua, um lampião igualmente aceso. Passa da meia-noite. Ouve-se, ao longe, com intervalos, o som titilante de um bandolim.

Sobe o pano, O Homem Com A Flor Na Boca, sentado em uma das mesinhas, observará por um longo tempo, em silêncio, o Freguês pacífico que, à mesinha ao lado, sorverá com um canudinho um refresco de menta.

O HOMEM COM A FLOR NA BOCA:
Ah, queria lhe falar! O senhor, se vê, é um homem pacífico... Perdeu o trem?

O FREGUÊS:
Por um minuto, sabe? Chego à estação, e vejo-o escapando, bem à minha frente.

O HOMEM COM A FLOR NA BOCA:
Podia correr atrás!

O FREGUÊS:
Sim! É pra rir, eu sei. Bastava, santo Deus, que não tivesse comigo todos aqueles malditos pacotes, pacotinhos, pacotões... Carga muita para um burro! Mas as mulheres... pedidos... pedidos que não terminam nunca. Três minutos, creia, mal desço do táxi, para colocar nos dedos os nozinhos de cada um daqueles pacotes: dois pacotes para cada dedo.

O HOMEM COM A FLOR NA BOCA:
Deve ter sido engraçado! Sabe o que faria eu? Deixava tudo no táxi.

O FREGUÊS:
E minha esposa? Ah, sim, e as minhas filhas? E todas as suas amigas?

O HOMEM COM A FLOR NA BOCA:
Que estrilassem! Teria me divertido um mundo!

O FREGUÊS:

Porque o senhor, talvez, não sabe que coisas inventam as mulheres quando estão viajando de férias!

O HOMEM COM A FLOR NA BOCA:

Mas sim, eu sei. Justo porque sei.

Pausa

Dizem todas que não carecem de nada.

O FREGUÊS:

Só isso? São capazes ainda de jurar que viajam pra não gastarem ainda mais! Depois, mal chegam num vilarejo aqui perto, que quanto mais feio, mais miserável e mais imundo, mais elas se arvoram em exibir as suas finesses mais vistosas! Ah, as mulheres, caro senhor! Esse é o ofício das mulheres... "Se você desse um pulinho na cidade, querido! Estamos muito precisando disto... daquilo... e poderia, ainda, se não for pedir muito" — Senhor, esse "Se não for pedir muito"... — "Já que vai voltar pr'aquelas bandas, mesmo..." — "Mas como acha, benzinho, que em três horas eu consiga fazer tantas coisas?" — "Ah, que reclamão! Pegando um táxi, ora..." — Mas o problema é que, como planejei demorar-me aqui só três horas, vim sem as chaves de casa.

O HOMEM COM A FLOR NA BOCA:

Que bonito! E então?

O FREGUÊS:

Deixei todo aquele monte de pacotes e pacotinhos no guarda-volumes da estação. Saí pra jantar numa trattoria. Depois, para espairecer de tanta raiva, o teatro. Fritava-se de tanto calor. Na saída, pensei, o que faço agora? Já é meia-noite. Às quatro pego o primeiro trem. Pra três horinhas de sono, não vale a pena um hotel. Então, vim pra cá. Este café não fecha, não é mesmo?

O HOMEM COM A FLOR NA BOCA:

Não fecha não, senhor!

Pausa.

E, então, deixou todos os pacotes no guarda-volumes da estação?

O FREGUÊS:
Por que a pergunta? Não estão seguros lá? Estavam tão bem embalados...

O HOMEM COM A FLOR NA BOCA:
Não, não quis dizer isso!

Pausa.

Bem embalados, imagino: com aquela arte especial que usam os rapazes dos balcões para embalar a mercadoria vendida...

Pausa.

Que mãos! Uma bela folha de papel dupla, vermelha, fina... Que por si só é um prazer olhar... Tão lisa, que se poderia encostar à face pra sentir a carícia fresca... Estendem-na sobre o balcão e depois, com elegância sem par, colocam sobre ela, bem no meio, a roupa delicada, cuidadosamente dobrada. Erguem primeiramente, por baixo, com o dorso da mão, uma das pontas; depois, por cima, deitam a outra e fazem, ainda, com ligeira graça, uma dobrinha, como um quê de mais, só por amor à arte. Depois dobram de um lado a outro formando triângulo sobre duas pontas, pousam uma mão sobre o rolo de barbante, tirando quanto basta para o embalo, e fazem, tão rapidamente, que você nem tem tempo de admirar tamanha arte, pois já se vê pronto o pacote com um laço feito, ali, esperando seu dedo.

O FREGUÊS:
Ah, percebe-se que o senhor prestou muita atenção nos rapazes dos balcões.

O HOMEM COM A FLOR NA BOCA:
Eu? Caro senhor, dias inteiros passo eu! Sou capaz de ficar mesmo uma hora parado, olhando pra dentro de uma loja, através da vitrine. Esqueço de mim mesmo. Pareço ser até... Queria verdadeiramente ser aquela peça de seda... aquele bordadinho... aquela fita vermelha ou azul-celeste que os jovens da mercearia, depois de terem medido o metro — Já viu como fazem? — Formam um número oito entre o polegar e o mindinho da mão esquerda, antes de embrulhá-lo.

Pausa.

Olho o cliente ou a cliente que saem da loja com o embrulho pendurado pelo dedo ou à mão, ou debaixo do braço... Vou seguindo-os com os olhos, até perdê-los de vista... imaginando... — Ah, quantas coisas imagino! O senhor não faz ideia.

Pausa. Depois, grave, como falando para si mesmo.

E como me agrada; como me agrada tudo isso...

O FREGUÊS:
Agrada-lhe? Perdão, mas... O quê?

O HOMEM COM A FLOR NA BOCA:
Agarrar-me assim — digo: com a imaginação — à vida. Como um passarinho que se agarra às grades de uma gaiola.

Pausa.

Ah, não deixar pousar um só instante a imaginação. Aderir, aderir com ela, continuamente, à vida dos outros... — Mas não da gente que conheço. Não, não. Dessa eu não poderia! Sinto um tédio, se soubesse, uma náusea. Mas à vida dos estranhos: entorno deles a minha imaginação pode trabalhar livremente — Não por capricho, pelo contrário — Cuidando das mínimas pistas que descubro neste e naquel'outro. E soubesse quanto e como a imaginação trabalha! Até onde chego a me embrenhar! Vejo a casa deste ou daquele, vivo nela, me sinto lá, até me dar conta... Sabe aquele cheiro único que se esconde em cada casa? Na sua, na minha — Mas na nossa, bem, nós não nos damos conta deveras, porque é o mesmo cheiro da nossa vida, fui claro? Ah, vejo que o senhor concorda comigo...

O FREGUÊS:
Sim, porque... Digo, deve ser um nobre prazer este que o senhor experimenta, imaginando tantas coisas...

O HOMEM COM A FLOR NA BOCA: *(com fastio, depois de pensar um pouco)*
Prazer? Eu?

O FREGUÊS:
Sim... Imagino...

O HOMEM COM A FLOR NA BOCA:
Me diga uma coisa: já esteve em consulta com um médico ilustre?

O FREGUÊS:
Eu, não. Por quê? Não fico doente nunca!

O HOMEM COM A FLOR NA BOCA:
Não se espante! Perguntei-lhe para saber se viu, alguma vez, na casa destes exímios médicos a saleta onde os pacientes esperam seu momento para serem vistos.

O FREGUÊS:
Ah, sim. Lembro uma vez ter acompanhado uma filhinha minha que sofria dos nervos.

O HOMEM COM A FLOR NA BOCA:
Bem. Não quero saber. Digo, aquela saleta...

Pausa.

Prestou atenção? Sofás com tecido escuro, de semblante antigo... Aquelas cadeiras acolchoadas, amiúde separadas... Aquelas poltroninhas... É mobília comprada sem cuidado, de segunda mão, posta ali para os pacientes. Não pertencem em nada à casa. O senhor doutor tem pra si, para as amigas de sua senhora, uma bem diferente sala de visitas, rica, bela. Quem sabe como destoaria uma cadeira, uma poltroninha daquele rico salão, se trazida para a saleta dos pacientes onde basta qualquer enfeite assim, sem grande esmero, sóbrio? Queria saber se o senhor, quando foi com sua filha, olhou atentamente a poltrona ou a cadeira onde esteve sentado, esperando.

O FREGUÊS:
Eu, não, francamente...

O HOMEM COM A FLOR NA BOCA:
Também não estava doente...

Pausa.

Mas nem os pacientes mesmo percebem, de tão absortos em suas doenças.

Pausa.

Mesmo assim, quantas vezes alguns estão ali, atentos, a olhar o dedo que faz sinais ritmados por sobre o braço lustroso daquela poltrona onde estão sentados! Pensam e não veem.

Pausa.

Mas que efeito faz, quando depois saindo da consulta, volvendo à sala, o rever a cadeira onde pouco antes, em espera da sentença sobre um mal ainda ignoto, estava sentado! Reencontrá-la ocupada por outro paciente, também esse com seu mal secreto. Ou ali, vazia, esperando que um outro qualquer venha ocupá-la.

Pausa.

Mas do que falávamos? Ah, sim... O prazer da imaginação — Quem sabe por que pensei logo numa destas cadeiras de sala de espera, onde os pacientes aguardam a consulta!

O FREGUÊS:
Sim... Realmente...

O HOMEM COM A FLOR NA BOCA:
Não vê qual a relação? Nem eu.

Pausa.

Mas é que os apelos das imagens, tão longínquas entre si, são assim tão íntimos a cada um de nós. E determinadas por razões e experiências tão par-

ticulares, que uma pessoa não entenderia mais a outra se, falando, se impedisse de usá-las. Nada mais ilógico, confuso, do que estas analogias.

Pausa.

Mas a relação, talvez, poderia ser esta. Veja: teriam algum prazer aquelas cadeiras em imaginar quem seja o paciente que vem sentar-se sobre elas para esperar a consulta? Que mal oculto anda nele? Aonde irá, o que fará depois da visita? — Nenhum prazer. Assim, também comigo: nenhum! Vêm tantos pacientes, e elas estão lá, pobres cadeiras, para serem ocupadas. Pois bem, é também uma ocupação semelhante à minha. Ora me ocupa este, ora aquele. Neste momento estou me ocupando do senhor, e creia: não sinto nenhum prazer pelo trem que perdeu, pela família que o espera em férias, de todos os enfados que posso entrever no senhor.

O FREGUÊS:
Uh, tantos, sabe!

O HOMEM COM A FLOR NA BOCA:
Agradeça a Deus, por serem só enfados...

Pausa.

Há quem esteja bem pior, caro senhor.

Pausa.

Eu lhe digo que preciso agarrar-me com a imaginação à vida dos outros, mas assim, sem alegria, sem nada a interessar-me, ao contrário, ao contrário... Para sentir esse tédio, para julgá-la insípida e vã, a vida, de tal modo que verdadeiramente não deva importar a ninguém silenciá-la.

Com uma raiva profunda.

E isto é preciso demonstrar bem, sabe? Com provas e exemplos contínuos, a nós mesmos, implacavelmente. Porque, caro senhor, não sabemos de que é feito, mas existe, existe sim, e sentimos tudo aqui dentro, como um aperto

amargo na garganta, o gosto da vida, que não se satisfaz nunca, que não se pode jamais satisfazer, porque a vida, no próprio instante em que a vivemos, é tão insaciável de si mesma, que não se deixa saborear. O sabor está no passado, que permanece vivo dentro da gente. O gosto da vida vem delas: das lembranças que nos prendem. Mas nos prendem a quê? A esta ninharia aqui... a este tédio... a tantas ilusões estúpidas... ocupações vãs... Sim, sim. Esta que neste momento é uma ninharia... Esta que neste instante é um tédio... E chego até a dizer, esta que neste instante é para nós uma desventura, uma grande desventura... Sim, senhor, depois de quatro, cinco, dez anos, quem sabe qual sabor terá?... Que gosto, estas lágrimas?... E a vida, por Deus, a simples ideia de perdê-la... Especialmente quando se sabe que é uma questão de dias...

Neste ponto, de um canto à direita vê-se o vulto de uma mulher vestida de negro, espichando a cabeça, espiando.

Aí está... Vê ali? Digo ali, naquele canto... Vê aquela sombra de mulher? Pronto: desaparece de novo!

O FREGUÊS:
Como? Quem... Quem era?

O HOMEM COM A FLOR NA BOCA:
Não a viu? Se escondeu.

O FREGUÊS:
Uma mulher?

O HOMEM COM A FLOR NA BOCA:
Isso mesmo. Minha esposa.

O FREGUÊS:
Ah, a sua senhora?

O HOMEM COM A FLOR NA BOCA: *(após uma pausa)*
Me espreita de longe. Acredite, queria fazê-la correr com um pontapé. Mas seria inútil. É como um daqueles cães vira-latas, teimosos, que quanto mais chutamos, mais grudam em nosso calcanhar.

Pausa.

O que aquela mulher está sofrendo por mim, o senhor nem pode imaginar. Não come, não dorme mais, dia e noite, atrás de mim, assim, rondando. Se cuidasse ao menos de limpar aquele trapo que tem na cabeça, aquele vestido. — Não parece mais uma mulher, mas um traste. Empoeirados para sempre também os cabelos, o rosto. E tem apenas trinta-e-quatro anos!

Pausa.

Me dá uma raiva, que o senhor nem pode imaginar. Avanço sobre ela, algumas vezes, lhe grito bem alto: "Estúpida!", sacudindo-a. Aguenta tudo. Fica parada me olhando com uns olhos... com uns olhos que — lhe juro — despertam nestas mãos um desejo selvagem de estrangulá-la. Nada. Espera só que eu me afaste, para tornar a seguir-me.

Novamente, vê-se o vulto da mulher, espichando a cabeça.

Pronto, olhe... Espicha a cabeça de novo, espreitando daquele canto.

O FREGUÊS:
Pobre senhora!

O HOMEM COM A FLOR NA BOCA:
Mas que pobre senhora?! Queria — compreende? — que eu ficasse em casa, quieto, tranquilo, me paparicando com todos os seus mais amorosos e apaixonados zelos; contentando-me com a arrumação primorosa em todos os cômodos, da limpeza de todos os móveis, daquele silêncio de espelho que existia antes na minha casa, medido pelo tic-tac do relógio da sala de jantar. — Isto ela anseia! Eu pergunto agora ao senhor, para que entenda o absurdo... — Mas não, que absurdo?! — a barbaridade macabra deste anseio. Lhe pergunto se acha possível que as casas de Avezzano, as casas de Messina, todas cientes do terremoto que dali a pouco lhes haveria de varrer, poderiam permanecer tranquilas sob a lua, enfileiradas ao longo das ruas e praças, obedientes ao Mapa da Cidade[1]. Casas de pedra e vigas, por Deus, talvez escapassem! Imagine os cidadãos de Avezzano, os cidadãos de Messina, despindo-se mansos mansos para colocar-se em cama, tirando suas roupas, os sapatos dos

pés, e colocando-se sob as cobertas para gozar do calor ingênuo dos lençóis de algodão, com a consciência de que dentro em pouco estarão todos mortos. Parece-lhe possível?

O FREGUÊS:
Mas, talvez, a sua senhora...

O HOMEM COM A FLOR NA BOCA:
Me deixe falar! Se a morte, meu senhor, fosse como um daqueles insetos estranhos, asquerosos, que alguém repentinamente descobre nas costas... O senhor anda pela rua, um outro passante, de improviso, lhe interrompe e, cuidadosamente, com dois dedos estendidos, lhe diz: "Perdão, me permite? O ilustre senhor está com a morte nas costas". E com aqueles dois dedos, pega-a e a deita fora... Seria magnífico! Mas a morte não é como um destes insetos asquerosos. Tantos que caminham tranquilos e desprevenidos, talvez a tenham nas costas. Ninguém a vê. E eles pensando quietos e tranquilos no que farão amanhã e depois de amanhã. Agora, eu.

Levanta-se.

Caro senhor, olhe... Venha cá...

Faz o freguês levantar-se e o conduz até embaixo do lampião aceso.

Aqui, sob este lampião... Venha... Quero que veja uma coisa... Olhe, aqui, embaixo deste bigode... aqui, vê que bonito tubérculo violeta? Sabe como se chama isto? Ah, um nome dulcíssimo... Mais doce que um caramelo: Epitelioma, se chama. Pronuncie, sentirá a doçura: Epitelioma... A morte, entende? Passou. Mas me deixou esta flor na boca e me disse: "Fique com ela, meu caro. Voltarei daqui a oito ou dez meses!"

Pausa.

Agora me diga o senhor, se com esta flor na boca, eu posso ficar em casa tranquilo e calmo, como aquela desgraçada pretende.

Pausa.

Lhe respondo gritando: "Ah, sim, e quer que eu te beije?" — "Sim, me beije!"— E sabe o que fez ainda? Com um alfinete, semana passada, fez um corte aqui, sobre o lábio, e depois agarrou-me a cabeça e queria me beijar... beijar na boca... Porque, me dizia, queria morrer comigo.

Pausa.

Está louca.

Depois, com raiva.

Em casa eu não fico. Preciso mirar através das vitrines das lojas, eu, a admirar a bravura dos rapazes dos balcões. Porque, o senhor entende, se me sinto, por um instante só, invadir um vazio... Saiba, posso, por quase nada, acabar com a vida de um desconhecido qualquer... Sacar o revólver e matar alguém como o senhor que, por azar, tenha perdido o trem...

Ri.

Não, não, não tema, caro senhor: eu brinco!

Pausa.

Vou indo.

Pausa.

Matarei a mim mesmo, se tanto...

Pausa.

Por estes dias os damascos estão maduros... Como o senhor os come? Com casca e tudo, não é mesmo? Se repartem assim, espremendo-os com dois dedos, inteiros, chupando-os... como dois lábios suculentos... Ah, mas que delícia!

Ri. Pausa.

Meus respeitos à sua senhora e também às suas filhas em férias.

Pausa.

As imagino vestidas de branco e azul-celeste, à sombra, num belo prado verde...

Pausa.

E me faça um favor, amanhã de manhã, quando chegar. Me parece que o lugar dista um pouco da estação. Ao amanhecer, o senhor pode andar a pé pela estrada. — O primeiro arbustozinho à beira da estrada. Conte as folhas pra mim. Quantas folhas, quantos dias ainda viverei.

Pausa.

Mas escolha um bem cheio, faça-me o favor!

Ri. Depois.

Boa noite, caro senhor.

Caminha, cantarolando a bocca chiusa a melodia do bandolim afastado, em direção ao canto da direita. Num certo momento, pensando que a esposa está naquele canto a esperá-lo, volta-se e dobra para a outra parte, acompanhado pelo olhar do pacífico freguês perplexo.

FIM

Nota

1. No original: "ao plano regulador da Comissão Imobiliária Municipal" (N. T.).